

Inteligência artificial no enfrentamento do racismo religioso: chatbot sobre afro-religiosidades em Campinas¹

Aline dos Santos Alves de Assis²

Tarcisio Torres Silva³

Introdução

O aumento de aplicações e ferramentas de inteligência artificial (IA) trazem consigo, além do avanço tecnológico, desafios éticos, sociais e políticos. Quando aplicadas em contextos de DEI (Diversidade, Equidade e Inclusão), por serem desenvolvidas através de vieses, podem ampliar desigualdades, mas também contribuir para a construção de alternativas mais justas e eficientes. Como apresentado por Sichman (2021), sistemas algoritmos não são neutros e refletem as falhas presentes nas estruturas sociais que os reproduzem, o que reflete preconceitos e invisibilidades de povos e culturas.

No campo religioso, esse fenômeno pode se manifestar de forma contundente quando relacionado às práticas de matriz africana e indígena, principalmente por estigmas já existentes e ataques racistas. A proposta deste trabalho, vinculada à iniciação científica interdisciplinar na área da comunicação na PUC-Campinas, traz a proposta para a criação de um chatbot informativo sobre tradições afro em Campinas, município marcado por seu passado ligado à escravidão e pela riqueza de manifestações afro-diaspóricas (Calixto, 2024).

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático 2 – Decolonização, algoritmização e racismo do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Realização Faculdade Cáspér Líbero, nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Graduada em Ciências Sociais pela PUC-Campinas; Graduanda em Jornalismo na PUC-Campinas. Bolsista FAPIC/Reitoria. E-mail: aline.saa1@puccampinas.edu.br

³ Doutor em Artes Visuais. Professor pesquisador na PUC-Campinas. Orientador do trabalho. E-mail: tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br

A construção parte de uma perspectiva decolonial, alinhada às críticas de Faustino e Lippold (2022; 2025) ao colonialismo digital, entendido como a apropriação capitalista e racializada das tecnologias pelas big techs. Inspirados por Frantz Fanon e Lélia Gonzalez, os autores defendem que o enfrentamento ao racismo algorítmico deve nascer das epistemologias amefricanas, que produzem racionalidades e afetos próprios, abrindo caminho para um hacktivismo situado, expresso em pretuguês, uma linguagem híbrida e viva capaz de traduzir cosmologias negras e indígenas para o campo digital.

A proposta do chatbot Nanã insere-se nesse contexto, ao compreender a IA não como mero produto técnico, mas como espaço de disputa simbólica e reencantamento do mundo, reafirmando culturas afro-diaspóricas como produtoras de saberes e tecnologias próprias, que antecedem e excedem as lógicas eurocentradas do digital.

Metodologia

Além da referência teórica, a pesquisa adota como base metodológica iniciativas comunitárias já existentes, como plataformas colaborativas de mapeamento digital de terreiros, a exemplo dos sites Terreiros do Brasil e do Mapeamento de Terreiros (desenvolvido pelo Museu Afro Brasil). Essas iniciativas, criadas em diálogo com lideranças religiosas, pesquisadores e instituições culturais, demonstram como a tecnologia pode ser empregada para visibilizar patrimônios imateriais e fortalecer redes de resistência. Essa inspiração orienta a etapa de construção do banco de dados do chatbot, que também será alimentado com informações provenientes de registros locais e entrevistas com lideranças religiosas. Ao integrar essas referências, a proposta reafirma a importância de reconhecer e valorizar a inteligência ancestral como forma legítima de produção de conhecimento.

Conforme Faustino e Lippold (2025), a disputa por narrativas no ambiente digital é, antes de tudo, uma disputa por soberania epistêmica. Nesse sentido, o projeto Nanã busca deslocar a centralidade da tecnologia como instrumento de dominação e colocá-la como ferramenta de memória, diálogo e resistência. A inspiração no pensamento de Lélia Gonzalez reforça o compromisso com a valorização das linguagens híbridas e da oralidade afro-diaspóricas. Ela também articula uma

dimensão política continental, conectando experiências de resistência tecnológica na América Latina e no Sul Global.

Em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984), Gonzalez define o conceito de pretuguês como a língua forjada pela população negra brasileira a partir do encontro entre o português colonial e as línguas africanas, transformando o que era considerado “erro” em produção cultural e política. Essa perspectiva linguística evidencia que a linguagem é também um território de disputa simbólica e de afirmação identitária.

Autores como Prandi (2000; 2001) e Lod’ò (2017) apresentam outros conceitos fundamentais para pensar a valorização dos mitos, encantarias e cosmologias de religiões afro-brasileiras, parte essencial para o repertório para o desenvolvimento do chatbot. Mais do que respostas, a ferramenta deve funcionar como um espaço de mediação cultural e difusão de conhecimento qualificado, buscando evitar a lógica da simplificação e apagamento, ainda predominantes em grandes plataformas. Incluindo narrativas sobre o Candomblé, Umbanda, Quimbanda e Jurema Sagrada, de forte influência indígena e afro-brasileira. Todas essas expressões compõem um sistema de saberes que atravessa séculos e se reinventa em contextos urbanos, como o de Campinas.

Nesse território, a herança africana e afro-diaspórica se expressa em lugares e manifestações que também alimentam o projeto. Entre eles, o Largo São Benedito e a Igreja de São Benedito, idealizada por Mestre Tito; o Cemitério da Saudade, com seus milagreiros populares como Maria Jandira e Toninho; a Comunidade Jongo Dito Ribeiro e a Casa de Cultura Fazenda Roseira, que mantêm vivas as tradições do jongo e das práticas de terreiro; e eventos como a Lavagem das Escadarias da Catedral e o Festival Comunitário Negro Zumbi (FECONEZU), que reúnem expressões de fé, resistência e pertencimento.

O trabalho se desenvolve em três etapas:

1. Mapeamento bibliográfico e etnográfico, com destaque para pesquisas sobre tradições afro-brasileiras.

2. Construção colaborativa de um banco de dados com apoio de lideranças religiosas locais e materiais já existentes em plataformas digitais de referência, reconhecendo a relevância das iniciativas comunitárias apontadas por Silva (2021).
3. Desenvolvimento experimental do chatbot, inspirado em propostas que discutem diversidade e inclusão em IA (Cachat-Rosset; Klarsfeld, 2023; Roshanaei, 2024). Essa metodologia, ao unir revisão teórica e prática comunitária, fortalece o caráter interdisciplinar do projeto e a sua vocação social.

Desdobramentos

O projeto está sendo desenvolvido na Escola de Linguagem e Comunicação, na Escola Politécnica e no CEAAB (Centro de Estudos Africanos e Afro-brasileiros) da PUC-Campinas. Trata-se de uma importante contribuição que podemos oferecer, tendo em vista os recursos humanos existentes na universidade. O Centro de Estudos Africanos e Afro-brasileiros tem forte ligação com o movimento social. Essa rede constitui um conjunto de especialistas que podem atuar como fontes de informação e contribuir como consultores sobre questões específicas que estamos tratando ao construir o banco de dados para alimentar o bot.

Ao longo do primeiro semestre de 2025, trabalhamos em parceria com a Faculdade de Sistemas de Informação em projeto de curricularização da extensão. Na disciplina escolhida, grupos de alunos desenvolveram diferentes projetos para clientes com demandas reais, entre os quais o chatbot deste pedido batizado de Nanã (em referência à orixá conhecida como senhora da sabedoria). Ao final do primeiro semestre de 2025, os alunos de Sistemas de Informação apresentaram um protótipo com testes realizados e demonstrando bom funcionamento. Desenvolveram interface final para o usuário e para as pessoas que ficarão responsáveis por alimentar o banco de dados com mais informações (responsabilidade que ficará a cargo do coordenador do projeto e da aluna da iniciação científica durante o desenvolvimento do seu plano de trabalho).

Os próximos passos da pesquisa são a hospedagem do chatbot, alimentação com novos materiais, testes internos e testes externos com públicos de interesse.

Palavras-chave

Inteligência artificial; racismo religioso; ciberultura; decolonialidade; religiões afro-brasileiras

Referências

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. Lélia Gonzalez e o hacktivismo em pretupiguês: por uma amefricanização pindorâmica dos algoritmos. In: AMARAL, Augusto Jobim do; SABARIEGO, Jesús; ELESBÃO, Ana Clara (Orgs.). **Algoritarmos II**. Valencia: Editora, 2025. p. 244-261.

BANKHWAL, M. et al. **AI for social good: Improving lives and protecting the planet**. McKensey Global Institute, 2024. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/capabilities/quantumblack/our-insights/ai-for-social-good#/>. Acesso em: 16 set. 2024.

CACHAT-ROSSET, G.; KLARSFELD, A. Diversity, Equity, and Inclusion in Artificial Intelligence: An Evaluation of Guidelines. **Applied Artificial Intelligence**, 37:1, 2023. DOI: 10.1080/08839514.2023.2176618.

CALIXTO, G. (org.). **Territórios negros: nossos passos vêm de longe!** 2. ed., ampl. e rev. Campinas, SP: Ed. da Autora, 2024.

COSTA JÚNIOR, J. F. et al. A inteligência artificial como ferramenta de apoio à inclusão. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 4, p. e4076, 2024. DOI: 10.55905/cuadv16n4-161. Disponível em: <https://ojs.europubpublications.com/ojs/index.php/ced/article/view/4076>. Acesso em: 28 ago. 2024.

CHUI, M. et al. **Notes from the AI frontier: applying AI for social good**. McKensey Global Institute, 2018. Disponível em: <https://ec.europa.eu/futurium/en/system/files/ged/mgi-applying-ai-for-social-good-discussion-paper-dec-2018.pdf>.

FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Boitempo, 2023.

FOFFANO, F.; SCANTAMBURLO, T.; CORTÉS, A. Investing in AI for social good: an analysis of European national strategies. **AI & Soc**, 38, 479–500, 2023. <https://doi.org/10.1007/s00146-022-01445-8>.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Brasília: ANPOCS, 1984. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/gonzalez/1980/10/31.htm>. Acesso em: 7 out. 2025.

L'ODÒ, A. **Juremologia: uma busca etnográfica para sistematização de princípios da cosmovisão da Jurema Sagrada**. 2017. 276 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco, 2017.

MAPEAMENTO de terreiros. **Afrobrasil**, s/d. Disponível em: <https://afrobrasil.org/mapeamento>. Acesso em: 05 de outubro de 2025.

PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

PRANDI, R. **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

ROSHANAELI, M. Towards best practices for mitigating artificial intelligence implicit bias in shaping diversity, inclusion and equity in higher education. **Educ Inf Technol**, 2024. <https://doi.org/10.1007/s10639-024-12605-2>.

SICHMAN, J. S. Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. **Estudos Avançados**, v. 35, n. 101, p. 37–50, jan. 2021.

SILVA, T. (org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos**. São Paulo: Editora LiteraRUA, 2021.

SILVA, T. **Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.

SILVA, T. (org.). **Inteligência Artificial Generativa: discriminação e impactos sociais**. Desvelar, 2024.

TERREIROS do Brasil. **Terreiros do Brasil**, s/d. Disponível em: <https://www.terreirosdobrasil.com.br>. Acesso em: 5 de outubro de 2025.